MIGUEL SERRANO

NÃO CELEBRAREMOS A MORTE DOS DEUSES BRANCOS

MIGUEL SERRANO

NÃO CELEBRAREMOS A MORTE DOS DEUSES BRANCOS:
A CHEGADA DE COLOMBO EM SEU QUINTO CENTENÁRIO

Título:
Não celebraremos a morte dos Deuses Brancos. 2010.

Título original:
No celebraremos la muerte de los Dioses Blancos. 1992.

Tradução:
Arjuna.

Revisão:
Raul Castilho.

Capa:
Hermann Tholf – Detalhe de escultura viking encontrada em Nazca, Peru.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O dinamismo parece ser uma característica fundamental entre os nacional-socialistas, tanto os que vivenciaram e combateram no Front, quanto aqueles que na posteridade ergueram sua bandeira ao alto, mesmo diante da derrota física, na retomada de seus valores e de sua mensagem. Nada parece mais natural, quando se provém de seres que foram escolhidos a se identificar com um ideal que não é apenas militar ou político, artístico ou espiritual - é cosmovisionário.

Rosenberg, à parte dos seus grandes escritos, era pintor. Goebbels era romancista. Streicher, professor. Eckardt fora tradutor do norueguês. Haushofer, tradutor do japonês, coreano e russo. E o próprio Hitler em pessoa parece-nos um exemplo dessa característica dinâmica, tendo sido pintor de quadros e paredes, estrategista, inventor, músico, escritor e, para além disso, o mais extraordinário político destes últimos tempos. Isto ao mesmo tempo em que todos estes nomes foram exímios combatentes na Frente da Primeira Guerra Mundial, em grande parte tendo recebido como herança daqueles tempos sofridos, a Cruz de Ferro.

Miguel Serrano, nacional-socialista *ad infinitum*, não poderia estar isento destas grandes características. Aqui em "Não celebraremos a morte dos Deuses Brancos", o grande nome da literatura chilena apresenta-nos com clareza e um brilhantismo que parece acompanhá-lo tal qual uma sombra, um estudo minucioso sobre a farsa que gira em torno de Colombo. Um estudo arqueológico, por assim se dizer. Trazendo para si as teorias de Jacques de Mahieu, Jürgen Spanuth, Hermann Wirth e Nicolas Palácios, junto de suas próprias constatações enquanto peregrino, pesquisador e conhecedor das culturas, Serrano evidencia a riqueza das civilizações cujos registros foram propositadamente negados.

Há casos em que a história se inverte, ou é invertida a fim de que dela sejam tirados proveitos. Quando o viking Ullman deixou a

Escandinávia rumo ao que acreditava ser a "Nova Irlanda", quiseram as forças do vento e as ondas do mar que seu Drakkar encontrasse seu ponto de chegada fosse o México. E ali, na posteridade se instalariam os vikings que em pouco, dado à sua natureza marítimo-expansiva, partissem em rumo a inúmeros países da América Central e do Sul. Ullman então fora transformado em Quetzacoatl, o deus branco e barbado, de olhos e cabelos claros. E em pouco, por onde esteve, correspondeu exatamente à figura de Bochica, Viracocha, Payzumé, Kukulkan, entre outros. É certo que mesmo com boa parte da destruição promovida por Colombo e seus tentáculos das missões jesuíticas, muitos registros ainda se encontram intactos, sobretudo em questão de oralidade e de arqueologia. Ainda nos é possível encontrar no México os chamados "Atlantes de Tula", estátuas azuis que se referem ao sangue hiperbóreo; na Guatemala, os nativos adoradores do deus "Votã". E assim, aos poucos os registros foram deixados em inúmeros lugares. As amazonas vistas a combater espanhóis, na região entre Brasil e Peru, não foram senão esposas de vikings que haviam partido para outras batalhas. No Paraguai, importantíssimos registros petroglifos. Na Bolívia, os registros runóides posteriormente estudados pelo nacional-socialista Posnansky, especialmente em Tiahuanaco. No Chile, Uruguai, Argentina, Colombia, Equador, Venezuela. Onde quer que estejamos, nossos indígenas, enquanto servirem à verdade, deverão nos falar sobre a figura de um deus branco que lhes ensinou a plantar e que com o tempo e por motivos específicos, decidiu partir. Nada foi mera conseqüência.

Contudo, é-nos contado justamente o contrário. Colombo - hoje visto como um herói - teria chegado às Américas por engano. Nada mais falso, uma vez que ele, um cripto-judeu, partiu junto de outros de seus semelhantes rumo à América justamente durante o decreto que estipulava a expulsão dos judeus da Península ibérica. Sua viagem não foi guiada pelos ventos, mas pelas profundas leituras da Torá. Seu interesse não estava na trocas, compras de temperos e tapetes ou a

busca pela "civilidade dos bárbaros", mas o rapto do ouro e a destruição dos vestígios deixados por civilizações anteriores, cujo destino ainda nos é desconhecido, ainda que Serrano tenha traçado suas direções. A fuga da Espanha e Portugal deu-lhes a América, do mesmo modo com que em anos, quando os nacionalismos se uniram, ter deixado a Europa deu-lhes Israel, assim se estabelecendo o cérebro de uma dominação mundial.

Não apenas mais um tabu é quebrado por nosso Dom Serrano, como se faz disponível um dos pouquíssimos estudos sobre as evidências dos chamados Deuses Brancos entre os nativos sul-americanos, dando uma possibilidade única de, enfim, poder conhecer o fundo este assunto rico e intrigante, cujas evidências apontadas estão muito próximas de nós. A história oficial e mesmo a arqueologia oficial deverão negá-lo, atribuir a este estudo um caráter "eurocêntrico", quando as fontes primárias nos apontam para outra direção.

Que esta obra sirva-nos de um leque aberto, fazendo-se confirmar quando Pedro Varela disse que em alguns aspectos, certos valores de outras raças formam parte do que já foi esquecido por nós.

As coincidências ou os elos entre Nacional Socialismo e ameríndios rompe barreiras. Podem-se relembrar três casos intrigantes. Em 1925, 8 anos antes da ascensão do Partido Nacional Socialista Alemão, René Guenon nos conta que no Panamá os indígenas de Cuna rebelavam-se e criavam a chamada "República de Thula", que misteriosamente tivera uma bandeira suástica sobre um fundo laranja, com orla vermelha. Tempos depois da guerra, o próprio Serrano cita o caso de três índios apaches que viajaram até a Alemanha para conversar com Hermann Wirth, pois desejavam conhecer mais sobre o Führer alemão e a suástica, que era venerada por eles. E finalmente, a tão ridicularizada "Crônica de Akakor", que hoje serve de inspiração para filmes de Spielberg e brinquedos da Lego, cujo fundo traz todos os indícios de ser verdadeiro. Ao final da guerra, uma tribo da Amazônia recebe dois mil soldados alemães e com eles, passa a

conviver. Karl Brugger, jornalista alemão, relata a história que lhe é contada por um indígena que se diz chefe da tribo dos Ugha-Mongulala. Lança seu primeiro livro, que se torna um sucesso. E ao anunciar ao mundo sua visita à tribo e "um livro bombástico, com revelações inéditas", é assassinado sem quaisquer vestígios de roubo; seus escritos somem, e a imprensa oficial desde então têm feito o possível para evidenciar a "farsa" de Brugger e o Reino de Akakor.

Este estudo nos traz uma noção dos motivos pelos quais as expedições alemãs de 1937, em busca dos segredos do mundo, não deixaram a América do Sul de fora. E entre Brasil, Peru, Paraguai, Bolívia e Equador, a Ahnenerbe também buscou os registros dos Deuses Brancos, desejando, por fim, ter conhecimento sobre a própria ancestralidade ariana. Disso tudo o que o leitor deverá encontrar nas páginas seguintes, os nacional-socialistas daquela época já estavam cientes.

Hermann Tholf

INTRODUÇÃO

Na celebração dos quinhentos anos do chamado "Descobrimento da América", fui convidado a participar do "Primeiro Encontro Internacional de Saúde, História e Cultura", que se realizou em Quito, Equador.

Foi-me pedido para desenvolver os temas: "O Resgate da Identidade da América" e "A história Pré-incaica e o significado de Tiahuanaco".

Escrevi o seguinte trabalho, que ao ser editado neste pequeno folheto, dedico à memória de Hermann Wirth, autor da monumental obra "A Aurora da Humanidade", e fundador da *Ahnenerbe* – instituto de investigações muito especializado das SS hitleristas; ao pastor Jurgen Spanuth, que arriscou tudo na reivindicação do Mundo Hiperbóreo, e ao antropólogo francês que se radicou na Argentina, Professor Jacques de Mahieu, inquieto e genial investigador de nossa América vernácula – a dos Deuses Brancos.

Esses três heróis da investigação histórica são os maiores revisionistas no presente; infelizmente, pouco conhecidos, pois a Grande Conspiração faz todo o possível para ignorá-los.

Conheci pessoalmente a esses três investigadores, tendo sido uma grande honra para mim, apertar as suas mãos.

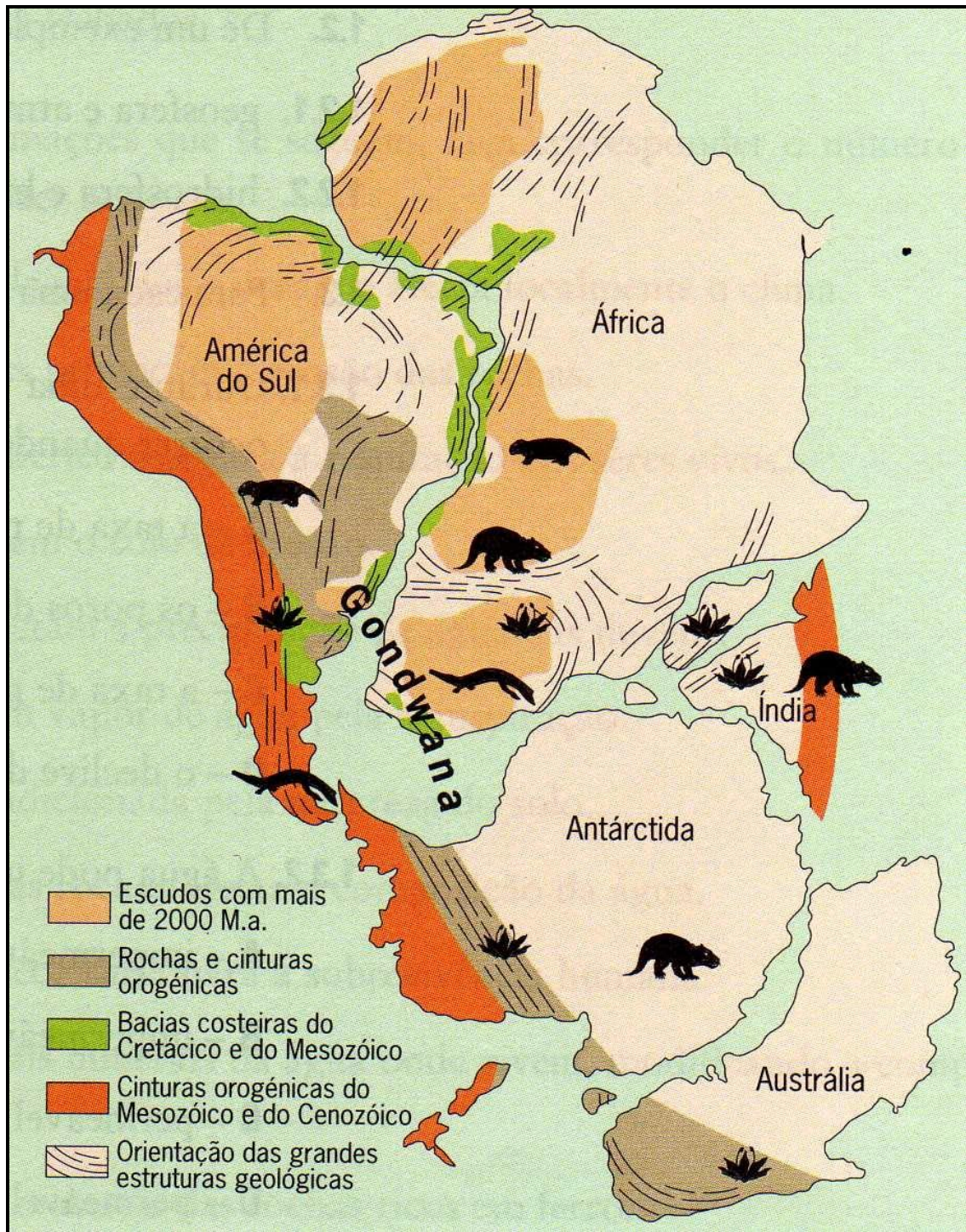
A eles dedico este trabalho e, muito especialmente, a meu grande amigo e camarada, Jacques de Mahieu, com todo meu afeto e admiração sem limites, de modo que minha lembrança possa chegar-lhe até onde agora ele se encontre, depois de ter navegado as escuras águas deste mundo.

NO VELHO-NOVO MUNDO

Este astro, ou melhor, esta zona ou pequeníssimo ponto, perdido no Universo visível em que hoje vivemos, é um mistério para o homem atual, que perdeu a capacidade de compreender e sentir o que é um mistério. Os homens da antiguidade o sabiam e o viviam; os homens mais antigos, quase os primeiros deste astro. E o recordavam melhor do que a todos nós e os da pós-antiguidade. Os homens da pedra não polida, que levantaram os grandes cromlech, os dólmenes e os menhires. Logo, tudo começa a obscurecer-se. Contudo, onde mais se apalpa e se experimenta esse mistério é nesta zona da Terra, chamada de América do Sul, nas bordas e nos topos dos Andes, em seus vales perdidos, em suas profundezas, até a antártica.

Eu desejaria apresentar um trabalho maciço, com muita documentação referente a todo este nosso mundo que a história oficial nos oculta, e que hoje culmina nas celebrações do "Quinto Centenário" do apregoado "Descobrimento da América". Aqui, há toda uma farsa, acreditada até por aqueles que a mantêm, pela ignorância provocada e sustentada através de quinhentos anos, precisamente. Cinco séculos nos quais, sistematicamente, fizeram-se desaparecer as pegadas da verdade, para, sobre essa demolição, poder edificar a mentira com que a Conspiração milenar nos oculta a transcendência de uma origem imensa, extraterrestre, e que se submergira em uma catástrofe da proto-história, cujos fragmentos e pistas somente no mito e na lenda foram recolhidos pelos homens sobreviventes de Hiperbórea, de Atlântida, de Lemúria, de Gondwana. Lenda e mito que ainda sobreviviam neste nosso mundo andino quando aqui chegaram os conspiradores semitas, com uma religião semítica, com o único e mais firme propósito de fazer desaparecer seus vestígios e rastros.

Peço desculpas porque não vou entregar um trabalho "documentado", "científico", como hoje gostam de dizer, pois não tenho tido tempo suficiente para realizá-lo.

África
América do Sul
Gondwana
Índia
Antárctida
Austrália
Escudos com mais de 2000 M.a.
Rochas e cinturas orogénicas
Bacias costeiras do Cretácico e do Mesozóico
Cinturas orogénicas do Mesozóico e do Cenozóico
Orientação das grandes estruturas geológicas

Gondwana

OS HIPERBÓREOS

Não há nada mais insípido, nem mais falso do que a história oficial, edificada sobre dados espúrios, refeitos. Essa história denomina a si mesma como "científica". E, ai daquele que pretenda afastar-se um milímetro dela! Desqualifica-se por "não ser sério", "não ser científico"; "ser um imaginativo", e lhe colocam à margem do "mundo acadêmico". Algo assim aconteceu, por exemplo, com o pastor alemão, Jurgen Spanuth e, entre outros, com o antropólogo e investigador francês, radicado na Argentina, Jacques de Mahieu. E isso apesar de ambos limitarem-se estritamente ao tipo de investigação "científica", atuando sobre dados concretos de escavações, grafitos, esqueletos, múmias, sinais pétreos e olarias.

Conheci a ambos os investigadores pessoalmente, e com o professor Mahieu mantive uma importante correspondência até a sua morte.

Sustenta Spanuth que a Atlântida de Platão era, na verdade, Hiperbórea, uma ilha-continente, localizada nas proximidades do Pólo Norte, por onde hoje aparece Helgoland. Sua capital era Basiléia, ou Abalus. Teria desaparecido em uma grande catástrofe, a qual é relatada na "Crônica de Oera-Linda", que fora traduzida e divulgada pelo professor Hermann Wirth, fundador na Alemanha do instituto de investigações especializadas das SS, *Ahnenerbe*, e a quem também conheci alguns anos antes de sua morte.

Desde o Norte Polar descem os hiperbóreos, em ondas sucessivas, abrindo-se em um leque de rumo às regiões do que é hoje o deserto de Gobi, onde fundaram uma grandiosa civilização, cujos restos foram investigados pelo professor Wirth, na Sibéria. A isso se refere também Tilak, o político e filósofo Hindu, em seu importante livro *"The Artic Home in the Vedas"*, sustentando que é nos "Vedas" onde se encontram as provas de que os arianos que conquistaram a Índia, isto é, *Baharatha*, a *"Terra dos Grandes Baharathas"*, dos gigantes

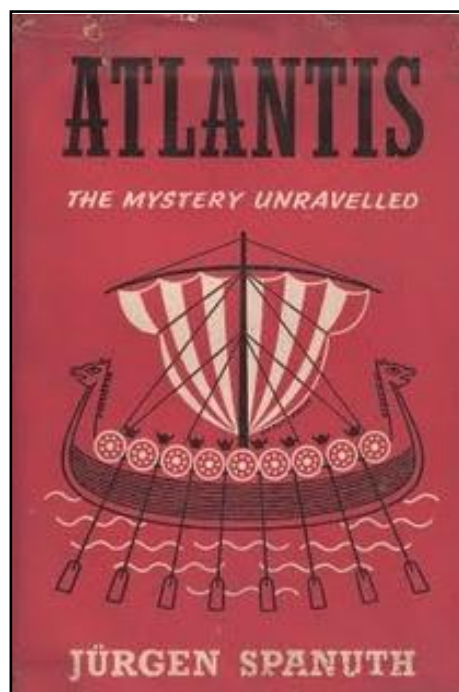
que vinham do ártico. Mohenjo Daro e Jarapa, com muito mais de sete mil anos, são fundações hiperbóreas tardias. No outro extremo do leque, os hiperbóreos descem rumo à África, muito antes do que Spanuth pensa, embora ele mesmo me afirmasse que a luta entre os invasores hiperbóreos e Ramsés II, faraó egípcio, havia sido uma "luta de parentes, como a dos alemães com os ingleses". Com isso quis dizer que as primeiras dinastias egípcias foram brancas, talvez vindas da Índia, como assegura o Conde de Gobineau. Brancas como as dinastias Inkas, até o império impostor de Atahualpa.

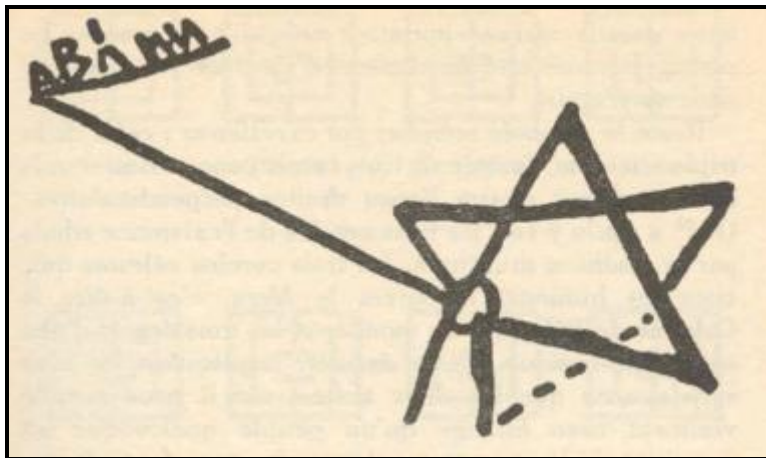
Estranho destino o dos investigadores, homens de ciência como Wirth, Spanuth e Mahieu. Encontram uma linha, e se a seguem firmemente, de pronto encontram-se com um mundo de areias movediças e de miragens mágicas que eles não buscavam, e onde já não há marcos, nem mais um caminho seguro. Voltam atrás, ou terão que enfrentar a um ambiente inimigo, que por todos os meios tentará combatê-los e aniquilá-los. É essa, a "sombra negra" da Grande Conspiração histórica. Thor Heyerdahl deveria ceder e desmentir-se de suas primeiras descobertas e investigações na Ilha de Páscoa, podendo assim tornar-se um "investigador reconhecido e de prestigio"; isto é, começar a ganhar dinheiro. O contrário aconteceu com o professor Wirth ao perder a guerra o III Reich, e com ele, o pastor Spanuth, que teve de interromper suas investigações, ameaçado de perder seu privilégio. Jacques de Mahieu morreu pobre, sem um reconhecimento oficial, nem um lugar na Universidade da Argentina, à qual dedicou a maior parte de sua vida.

Mas o grande Mahieu continuou pelo estranho e misterioso caminho que se abria frente a seus passos, sem se amedrontar, até o final, como um bom guerreiro, com a espada em mãos, abrindo o caminho até aonde as suas solitárias forças e sua formação lhe permitiram. Foi assim, como ao final de seus dias confessou-me, que "a Tiahuanaco Viking da qual ele falara foi apenas uma reconstrução tardia de outra Tiahuanaco muito anterior". Porque Mahieu descobriu

vestígios em pedras gravadas de um alfabeto pré-rúnico, podendo sustentar que os aborígenes Comechingotes, da Serra de Córdoba, eram os restos dos troianos sobreviventes, que escaparam e nunca mais foram encontrados. Os troianos eram descendentes dos hiperbóreos, remotamente vindos do pólo ártico.

O que aqui estamos relatando é de uma tremenda antigüidade. A Europa perdeu a memória disso com a chegada do cristianismo. Isso lhe fez perder a memória. E ainda antes, prova-o Platão, que é o único que fala de Atlântida; ao menos é o único relato que sobreviveu após o incêndio intencional da Biblioteca de Alexandria, levado a cabo, sem dúvidas, pela Grande Conspiração, já que aí os egípcios teriam conhecimento da mesma, e muito mais.

Também o navegante e alquimista, Pedro Sarmiento de Gamboa, homem de trágico destino, em sua "História dos Inkas", contribui com conhecimentos clássicos de grande importância e que teriam servido de inspiração e guia para Mahieu, e ao meu – fundamentalmente.

Capa da obra principal de Spanuth sobre Atlântida

Alfred Stroessner considerou como de interesse nacional as pesquisas de Jacques de Mahieu à procura dos vestígios vikings e templários no Paraguai.

Exemplo de registro templário no Paraguai, identificado por Mahieu.

HUITRAMANNLAND – A TERRA DOS HOMENS BRANCOS

Nossa “memória histórica”, por assim dizer, não se remonta além dos vikings, esses extraordinários homens do norte que, entre outras enormes coisas, deram o nome à Russia. “*Rus*”, “remadores”, chamar-lhes-iam os mongóis, os casares e os eslavos; quer dizer “os que desciam remando o Volga”, e conquistaram rumo às grandes estepes. Em todas as partes eles se perderam, assim como as areias nos grandes rios e no mar. No mar das raças de cor. Salvo em um ponto, em nossa América do Sul, onde se preservam com o império Incaico, como uma raça divina, solar, de Deuses do Sol, em um Império baseado na pureza do sangue de seus governantes e em uma ciência etnológica, ensinada e mantida pelos *godis* (os amautas), seus sacerdotes “godos” (de *Gott*, Deus e “Deus bom”, Gut): os Filhos do Sol.

Dizemos que somente até eles chega a nossa memória histórica, pois é somente até ali, onde persistem rastros rúnicos e monumentos pétreos, que podem ser atribuídos a eles. Porque também há uma contribuição Viking, que nos assinala a existência na América, neste continente dual, do norte e do sul – que assim chamamos hoje – de algo anterior que aqui existiu, e talvez tenha sido isso o que fez com que os vikings viessem.

Eles chamam a América de *huitramannaland*: “Terra de homens brancos”. Querendo dizer que antes deles já havia homens brancos neste continente; e mais, que era a Terra dos Brancos. E esses não podem ter sido mais do que os Hiperbóreos, dos quais Mahieu também encontrou seus sinais, no mais distante sul.

Quetzalcoatl é um Viking no México, e Viracocha também o é, em Tiahuanaco. Chega aqui em torno do ano de 1000 D.C., em Tiahuanaco, buscando raízes filológicas dinamarquesas ou norueguesas; isto é, a “Residência do Deus”. Antes se chamou Chucara. Instala-se na ilha de Titicaca, de *Khakha* – loiro no idioma

aimará –, e *cacca*, no idioma quíchua. Lago dos "Ti" – loiros. Viracocha é um nome de origem germânica ou *norueguesa*; composto de *verr* (homem – *vir* –, do idioma latino) e *cocha*, que é uma deformação indígena de Gott, Deus no idioma germânico – verr-gott, Homem de Deus.

Os Vikings de Tiahuanaco são chamados de atumanura pelos povos de cor da região; parece significar branco e também gigante, derivado do norueguês yötun. Gigantes Brancos. E, embora os Vikings adorassem o Sol, o termo *ati* (lua) também poderia referir-se a um tempo muito anterior, dos Gigantes da Lua que, ao destruir o Antigo Sol, submergem-se nas montanhas ou na terra interior; alguns dos quais sobrevivem e buscam refúgio nas cordilheiras do Equador.

Contudo, os vikings não são construtores desses monumentos grandiosos de pedra, cujos vestígios se preservam em muros incríveis e em rochas com forma humana. Essa sim foi obra de gigantes, de um mundo desaparecido. Há inscrições nas ruínas das "Sete Cidades", hoje encontradas no Brasil, que são os *Extersteine* da América do Sul, onde um poder cósmico deu forma as suas criações; ou também, homens que eram verdadeiramente Deuses.

Aqui, no Chile, também há indícios de um passado remotíssimo e desconhecido totalmente. Nas praias de Santo Domingo aparece um enorme complexo de rochas, muitas das quais com características tão especiais que não parecem obras da natureza. E, entre elas, um intihuatana – um monólito destinado a calcular a hora, a posição do sol e do céu –, com um grande assento de pedra a seu lado. Foi descoberto pelo investigador amador, Oscar Fonck, que as atribuiu aos egípcios, os quais, segundo ele, teriam sido atacados pelos araucanos, que os obrigaram a abandonar a zona e a subir o rio Maipo até a cordilheira do vulcão de Tingiririca, onde hoje se encontram cavernas com estranhas pinturas rupestres. Eu também vi ali, nessa cordilheira, uma enorme mão aberta, que parecia ter sido esculpida na rocha viva dos Andes, além de formações rochosas que parecem ser os restos de

muralhas ciclópicas. Um pouco mais ao sul se encontram blocos de pedra com grandes camadas de rochas, semelhando lajotas polidas a perfeição. É no Alto Vilches, e pode-se crer que foi uma pista de aterrissagem da ante-história.

O complexo de rochas de Santo Domingo lembrou-me *Stonehenge* por ter as mesmas características, estando cravado em uma zona próxima ao mar e de grandes ventos, o que, igualmente à Inglaterra, faz vibrar a pedra em "estado crítico", "soar" como uma cítara, talvez facilitando alguma cerimônia ritual dos *godos* ou dos druidas, que assim conseguiam levitar – eles, e também a pedra. Os vimanas de pedra dos livros sagrados da Índia e de suas epopéias, como o Ramayana.

Também troquei opiniões com Mahieu sobre Santo Domingo e as montanhas de Tingiririca, e a respeito das teorias de Fonck sobre os egípcios na América do Sul. Mahieu pensou que fossem os "líbios loiros" (isto é, os hiperbóreos, que até a África chegaram) os que no Chile remoto criaram o "Complexo Cultural Maipo-Rapel", subindo essas correntes de água, desde sua desembocadura no mar, até os cumes andinos. Também um mundo de gigantes.

Mais ao sul ainda de Alto Vilches, mais além de Talca, em Mulchén, um agricultor alemão, com o sobrenome de von Platte, encontrou um estranho objeto enquanto arava. Resultou ser uma pequena estatueta, primorosamente trabalhada, de um homem branco e barbado, coberto com uma espécie de capuz e com a figura do *Irminsul* a sua frente. Encontra-se agora no Museu Metodista de Angol, onde o alemão teve a má idéia de entregá-lo. Consultaram-se especialistas do mundo inteiro, e ninguém pôde dar idéia alguma de quem o esculpiu, nem de quem se trata. Não veio de fora, pois o material é andesita, rocha vernácula. Enviei uma foto a Mahieu, que me respondeu dizendo que se tratava de um "autêntico hiperbóreo, com vestimentas da época de Tróia". "Um bebedor de hidromel".

Tive essa maravilhosa obra de arte e de magia em minhas mãos e suas vibrações nos remontam a um passado de super-homens, cuja mensagem ainda estamos distante de decifrar. Em todo o caso, dizem-nos que houve um mundo de gigantes e de Deuses, que seu segredo guarda-se em alguma misteriosa dobra, ou em uma terra oculta, que poderia ter se salvado da destruição proporcionada a este mundo pela Grande Conspiração, tanto maior e mais prejudicial que a submersão de Atlântida; porque dessa se guarda memória. E a Conspiração a apagou completamente.

Os vikings da Groenlândia, desaparecidos desta terra verde *(Greenland)*, vieram a *Huitramannaland,* pois essa era "sua" terra. Com a "mudança dos pólos", o Pólo Sul seria o Pólo Norte; a Antártica. Desde a América do Norte, *Vinland*, "Terra de Vinhas", foram-se direcionando ao sul; desde o México e desde Chichen Itzá, descendo rumo ao ancoradouro de Ilo, onde se encontraram com o misterioso povo dos mochicas, sobre o qual exerceram grande influência em sua mitologia, introduzindo o deus Güatan, da tempestade, que é Wotan. Desde ali, escalaram rumo a Tiahuanaco, onde se encontrariam com os restos de uma grande civilização já desaparecida. Em trezentos anos, criam o Império dos Atumarunas (curiosamente, em norueguês, Hatun é gigante), reconstruindo Tiahuanaco, cuja história mítica, dividida em quatro etapas, aparece nas crônicas do Inka, no século XVI, de Phelipe Güaman Poma de Ayala, que é cronista dos *atumurunas*, ou *aatumarunas*, como o Inka Garcilaso o é do Império Incaico.

Eu sintetizaria toda essa antiga história de nosso mundo pré-colombiano, por assim dizê-lo, em uma dramática e nostálgica peregrinação dos brancos hiperbóreos, sobreviventes de tantas tragédias e catástrofes, em busca de seus ancestrais e do "refugio inexpugnável", réplica do Paraíso Perdido, de *Padesha*, de *Basiléia*, de *Aryanabaiji*, de Hiperbórea e sua capital, *Thule* (nome que logo aparece em inúmeros lugares da América Central e do Sul). E é assim a forma como eles encontraram um lugar secreto e seguro, na parte mais

austral de nosso mundo, nas proximidades do Pólo Antártico, ou na própria Antártica.

Depois dos vikings, vieram os templários, seguindo as pistas dos primeiros e as dos normandos; de seus precisos mapas do Continente que Colombo não descobrira. E é nesse momento quando a atmosfera deste nosso mundo, do Sol, das Runas e dos Deuses-Guerreiros, começa a esfriar-se.

Sustentava Mahieu que são os monges templários que pretendem a evangelização do Império dos Atumuranas de Tiahuanaco, que chegava até o Atlântico, através do que hoje são o Brasil e o Paraguai, do Amazonas, tendo-se encontrado ali precisamente, com os *Externsteine* das *Sete Cidades*, construção muito mais antiga – dos líbios loiros – do que o até então conhecido. Os templários também vieram aqui em busca de algum refúgio seguro, sabendo que seriam destruídos na Europa; ou bem, eles mesmos desejassem desaparecer, por terem se encontrado com Wotan nas confrarias "godis", de construtores da pedra, e que serão seus arquitetos de catedrais, e também com Abraxas na Ásia Menor. Mahieu afirma que os templários iniciam a evangelização do Império de Tiahuanaco, primeiro entre o elemento indígena de cor, ao qual vão inquietar. O interesse templário, segundo ele, é a exploração das minas de prata e seu comércio com a Europa, onde introduzem o metal até então desconhecido. E é com suas utilidades que lhes é possível a construção das catedrais góticas medievais desse continente. Isto é, monumentos odínicos, de adoração a Wotan mais do que a Jesus Cristo, segundo sabemos hoje. Seu interesse em introduzir o cristianismo teria sido como uma forma de debilitar aos vikings, para assim chegar a dominar seu Império e estabelecer-se firmemente em um lugar da terra, com um Reino templário próprio.

Disso eu não estou muito seguro, apesar de que Mahieu dá provas da influência templária nas construções de Tiahuanaco – especialmente na estátua chamada de "O Monge", que se assemelha a

de uma catedral gótica francesa. Junto com os normandos, e também com os templários, teriam chegado pregadores irlandeses do cristianismo e, possivelmente, mais de algum "marrano", ou converso, cumprindo com sua missão específica a favor da Grande Conspiração. Eram eles a "Sombra dos Deuses Brancos". Um desses pregadores cristãos seria o lendário e mítico *Pay Sumé* no Brasil, e o "primeiro" Quetzalcoatl no México – *itzamna* –, a quem se lhe agrega qualidades dos extraordinários conquistadores brancos – Ullman, Viracocha e outros. Passam a ser os "Deuses Brancos Americanos"; transposição de Visigodo ("Godo Sábio"), que é tradução castelhana de *weissengott* – Deus Branco – em alemão. Logo, se diviniza, transformando-se em mito e lenda.

Sem dúvida, os templários careciam de um forte espírito racial, ou racialista, ao parecer, não estando expostos ao perigo fatal da mestiçagem com o mundo de cor, pelo fato de serem castos. Mas eu insisto em crer que eles buscavam principalmente um "refúgio inexpugnável", não somente para eles, mas, e em especial, para o Gral. Von Eschenbach conta-nos que Parsifal desaparece em direção ao Ocidente, levando o Gral em uma embarcação com a cruz templária. Já os templários preferem perder, em um mundo perdido e sem remédio, dominado pela igreja de Roma e por Jeová. Eles se encontraram, ao final, ou talvez na metade do caminho, com Wotan e Abraxas, que talvez sejam o mesmo, ontologicamente interpretado.

Em todo caso, o Império de Tiahuanaco, dos *atumarunas*, já está tirando água – e não do Titicaca –, pois chegaram de algum modo os cristãos e seus monumentos. É o fatídico século XIII. E sucede-se que um chefe de tropas de Coquimbo, hoje Chile, de nome Kari, invade-os e derrota-os, destruindo Tiahuanaco. Sustentei que bem poderia ter sido algum substituto viking, algum *Jarl*, por seu nome possuir uma clara conotação nórdica, que deseja destruir as estranhas influências de uma religião proselitista, intolerante e antipagã, contrária ao "viver e deixar viver". Consegue-o, e assim poderá dar passo à pronta

reconquista dos "Filhos do Sol", dos vikings sobreviventes, os *Inkas*, que somente anos depois da destruição do *Império Atumaruna,* podem restabelecê-lo e, sobre suas ruínas, construir essa maravilha do mais puro "racismo de origem divina" que fora o enorme Império dos Inkas, que dura apenas duzentos anos, e do que quase nada sabemos de verdade e em profundidade.

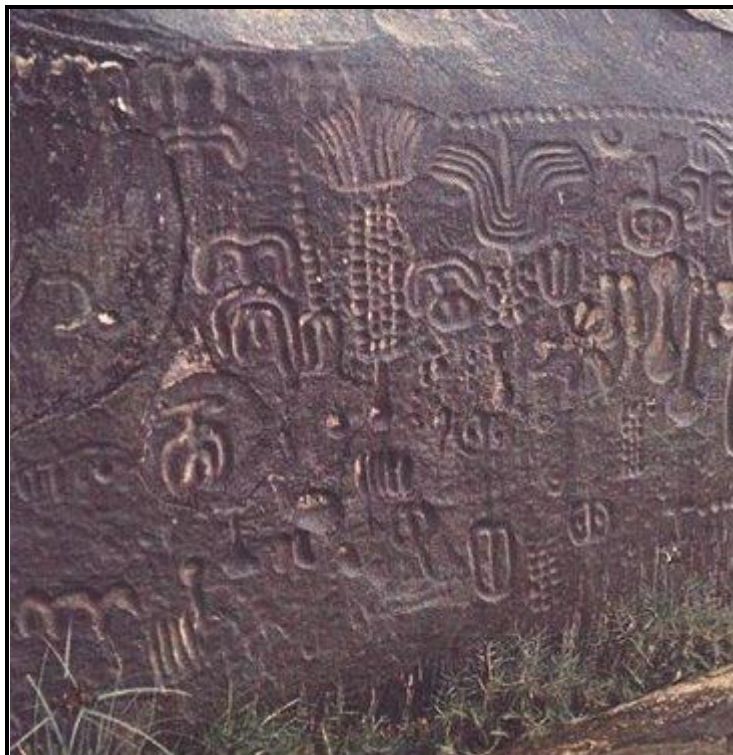
Alguns vikings "Viracochas" – Kontiki-Viracocha – embarcaram, quando da derrota, desde as costas do que hoje é o Equador, rumo a *Tepito-o-Tenua*, nossa mal traduzida Ilha de Páscoa (*Eastern Island*, *Oester de Ostara*, a luz Primaveral). Ali, os Deuses Brancos nos deixam a maravilhosa iniciação do *Manu-Tara* à qual me refiro em vários dos meus livros.

Mas a verdadeira elite dos *atumaruna*, a que permitiu a derrota por Kari, como também o fizeram os templários pela igreja de Roma e logo, os Inkas pelos espanhóis, desapareceram nas Cidades Secretas dos Andes, à espera do Grande Tempo da Ressurreição.

Quetzacoatl em gravura identificada por Jacques de Mahieu

A chegada dos primeiros vikings na América

Tiahuanaco, Bolívia

Viracocha, o Deus Branco de Tiahuanaco

Registros na chamada Rota do Peabiru, Brasil, que teria sido aberta pelo Deus Branco Sumé, também chamado de Pai Zumé

Conta-se que os indígenas tão logo que estiveram em contato com Cortez, apresentaram a ele uma formosa mulher que em nada se assemelhava com as nativas. Por fim, ela acabou por se tornar sua mulher e em questão de estética, pouco se diferenciou das espanholas com quem teve de conviver na corte. Dizia-se que era loira, de olhos claros

Externsteine, Alemanha.

Sete cidades, Brasil

Vila Velha, Brasil

OS INKAS

Na *crônica de Oera-Linda* diz-se que, após a submersão de *Astland* (Hiperbórea), os reis marinheiros, acompanhados das "Mães" (Nornas) frísias, dividiram-se pelo mundo, chegando a fundar a Atenas, entre outras cidades clássicas. Um desses reis se chamava *Inka*. Navega em direção ao Ocidente e não retorna mais. Assim, o nome *Inka* é muito anterior aos Inkas. Esses, oito anos depois da destruição do império de Tiahuanaco, dos *atumarunas*, vão a fundar o Novo, saindo estranhamente do interior de "duas cavernas", irmãos e irmãs, como que de uma "Terra Oca", de um misterioso refúgio inexpugnável, para casarem-se e procriarem-se unicamente entre eles. São brancos, nórdicos, talvez descendentes desses frísios lendários, dos mesmos que a índia araucana, Glaura, informante de Don Alonso de Ercilla e Zúñiga, dissera descender.

Gracilaso nos conta ter visto múmias Inkas ruivas e de grande estatura. Também são múmias de gigantes brancos e ruivos, dolicocéfalos, as encontradas em Paraca – no Peru –, e que deram o primeiro impulso às investigações do Professor de Mahieu; podendo, assim, transformar-se no mais importante revisionista do nosso "mundo americano". Essas múmias do Peru são impossíveis de se ver hoje, pois foram feitas desaparecer pela Grande Conspiração, para ocultar a perigosa verdade sobre a existência do mais exitoso Império Racialista do Mundo.

Muito se escreveu, contudo, a respeito do incrível Império dos Inkas, sobre suas misteriosas cidades como Machu-Pichu e mesmo Cusco, além de outras que se desconhece até os dias de hoje, as quais sustento se ocultarem no mais profundo dos vulcões de nosso sul patagônico, com seu fabuloso tesouro jamais encontrado. Quando os espanhóis chegaram, o Império se encontrava em decadência, e o mestiço Atahualpa havia feito assassinar a nobreza inka de puro sangue nórdico. Mas não a todos. Pois os inkas mais puros já haviam

partido, sabendo do que se aproximava para o mundo pré-americano. Encontraram novamente um refúgio no mistério da Terra Interna, na "Terra Oca", como antes fizera a elite de seus antepassados, os *atumarunas*, à espera de outros tempos melhores, no Eterno Retorno da Grande Roda. A lenda da "Cidade dos Césares", de "El Dorado", de "Elellin", de *trapananda*, tem sua origem em cenários reais, como teve a Tróia de Homero, por tantos séculos sendo considerada apenas como mito e lenda.

Mas há algo sobre o que até o momento não foi dada a suficiente ênfase na descrição e análise do Império dos Inkas, assim como no que o precedeu, na antiga Tiahuanaco: que foi um império essencialmente racialista e baseado na mais estrita lei de seleção do sangue. Um império de castas, como aquele na Índia ariana, regido exclusivamente por uma minoria de raça branca e nórdica, que falava uma língua secreta, desconhecida pelo povo e pelo conglomerado de cor que eles governaram. Essa língua era o *norueguês*, ou o alemão, uma língua da Escandinávia, que falavam os primeiros vikings chegados na América, e cuja estrutura sagrada fora a rúnica. Os Inkas preservaram a língua, e talvez a escritura, para comunicarem-se somente entre eles e com seus capitães, ou *curacas*, que mantém a ordem e a administração do Grande Império; todos de raça branca e sangue mais ou menos puro. Fazem desaparecer a escrita, para que não chegue ao povo, tal como fizeram os arianos na Índia, que não escrevem os Vedas por mais de mil anos pelas mesmas razões; apenas memorizam-na para as duas primeiras castas de guerreiros e sacerdotes. Unicamente os *quipus*, uma espécie de exercício mnemotécnico, de escritura ou reconto, com nós, é divulga e é usada publicamente pelos funcionários e coletores de impostos do Império. Também em *Tepito-o-Tenua*, ou Ilha de Páscoa, até os dias de hoje é impossível decifrar os *Rongo-Rongo*; as "Tabuazinhas Falantes", conhecidas apenas pelos sábios sacerdotes e os reis que a Grande Conspiração leva a morrer como escravos nas minas do Peru, precisamente.

Da mesma forma que o *Império Atumaruna* de Tiahuanaco, enormes extensões de terras e populações de cor são controladas por uma minoria branca, uma elite racialistata, que mantém a pureza de seu sangue e, graças a isso, consegue dominar e civilizar. Esse foi o grandioso Império dos Inkas, um Império de Castas, e mantido por essas; assim como fora a Índia Védica, a Pérsia de Zoroastro e o Egito das primeiras dinastias. No governo dos *Atumarunas* e dos Inkas houve paz, justiça e felicidade de todos, cumprindo, cada uma de suas castas, com o *dharma* de seu destino, com seu próprio *karma* – seu dever cósmico e natural. Além disso, o Império dos Inkas estabeleceu um sistema socialista de tipo germânico, como o prussiano e aquele do *III Reich*, onde jamais existiu a usura, nem a exploração de seus governados.

Citemos, na continuação, a Mahieu:

"A lei do sangue constitui, igualmente, a base da ordem econômica".

"Em cada região, a terra é dividida em três partes de proporções provavelmente variáveis, as quais desconhecemos. Uma se atribui ao Sol – isto é, à Igreja; outra, ao Inka – ou seja, o Estado; a terceira – ao *ayllu*, que a reparte cada ano entre as famílias, proporcionalmente ao número de seus membros. Os camponeses lavram, em primeiro lugar, as terras do Sol e, logo, as que correspondem aos anciãos, às viúvas, aos enfermos e aos soldados em campanha. Depois, ocupam-se das que lhes tocam, mas a ajuda mútua é lei e, de feito, a lavoura, a semeadura e a colheita fazem-se em comum. Por fim, cultivam as do Inka. A família dispõe livremente do produto de seu lote, e os mercados permitem certa troca. As colheitas efetuadas nas terras do Sol e do Inka servem para assegurar a subsistência do clero, da corte e dos seus funcionários. Mas o essencial delas se armazena em depósitos que se encontram em todas as aldeias e os *tampu*, destinados a cobrir as necessidades imprevistas da população, pois a nenhum habitante do Império pode faltar o imprescindível, assim como aos estrangeiros e

viajantes, abrigados gratuitamente nos *corpahuasi*. Com suas partes, a Igreja e o Estado mantém, além disso, seus inúmeros serventes e os artesãos encarregados da construção dos templos e palácios, das obras públicas e do trabalho dos metais. As mulheres indígenas fiam e tecem, durante todo o ano, a lã e o algodão, que lhes subministram seus *ayllu* respectivos. Mas também recebem matéria prima que provém dos rebanhos do Sol e do Inka, para transformá-la em artigos de vestimenta, trabalho ao qual dedicam somente dois meses por ano."

"Dois meses, igualmente, consagram os artesãos da aldeia à fabricação de objetos de metal ou alfaiataria destinados à Igreja ou ao Estado, e os jovens, a quem lhes toca, ao trabalho das minas. O ouro e a prata não têm nenhum valor mercantil, pela simples razão de que não existe no Império nem mesmo o menor comércio. Esses metais preciosos, aos quais convém agregar a platina, então desconhecida na Europa, somente servem para a decoração de templos e palácios, como também, segundo normas hierárquicas estritamente codificadas, para o adorno pessoal. O "Serviço de Trabalho" das mulheres, dos artesãos locais e dos mineiros não implicam, portanto, em exploração econômica alguma; é um imposto pago como mão de obra pelos *ayllu* e compensado pelas distribuições de víveres, roupa e objetos de uso corrente, que fazem a Igreja e o Estado aos trabalhadores e aos necessitados. Com razão, assim, pode-se falar de socialismo, com idéia de dar a essa palavra seu sentido próprio, que exclui todo o estatismo; isto é, todo monopólio capitalista pela minoria dirigente. Os impostos, em efeito, somente servem para o mantimento dos funcionários e a prestação dos serviços públicos. Contudo, esses, ainda independentemente do culto e da guerra, são consideráveis."

"A assistência social é o mais importante. As obras públicas, incluindo os canais de rega, vêm em segundo lugar. O ensino absorve grande parte apreciável do pressuposto. Todos os filhos de incas e *curacas* vão à escola; em um primeiro momento, somente na capital, a partir de Inca Roca, e logo em todas as províncias, por ordem de

Pachacutec. Aos alunos é ensinada a mitologia, a astronomia, as ciências naturais, a leitura dos *quipos* e, dessa forma, a moral e a arte da guerra. Os professores são *amautas*, membros do corpo de "filósofos e sábios" que o Estado mantém. Temos muita pouca informação a respeito de seus conhecimentos, pela simples razão de que os espanhóis eram incapazes de expô-los, por uma falta de cultura suficiente. A medicina incaica, por exemplo, era muito superior à que se praticava na Europa durante a Idade Média, sabemos disso porque se encontraram, em esqueletos, rastros de trepanações efetuadas com êxito, sem falar dos instrumentos cirúrgicos de bronze, que chegaram até nós. Algumas poesias se salvaram, assim como um drama, que demonstram um nível literário alto. Os poucos observatórios solares que os frades espanhóis não destruíram constituem provas de uma constante investigação no campo da astronomia."

Essa extraordinária ordem social e econômica está nos demonstrando a falácia absoluta dos sistemas democráticos modernos, aplicados indiscriminadamente – fanaticamente, como deveríamos dizer – a todos as raças e povos da terra e criando – eles sim –, o mais aberrante sistema econômico de castas, com a maior injustiça, e com as riquezas concentradas em algumas poucas mãos, quer seja no capitalismo, no livre comércio, no sistema social de mercado, ou no totalitarismo marxista. Nada disso é panacéia para os povos de cor, que hoje em dia vivem na mais degradante miséria. Que diferença com o regime incaico, com o Sistema Nacional-Socialista, também com o da antiga Índia ariana!

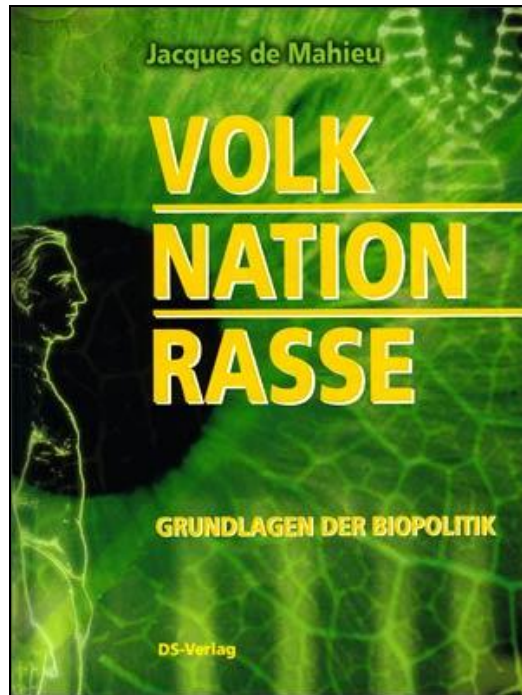
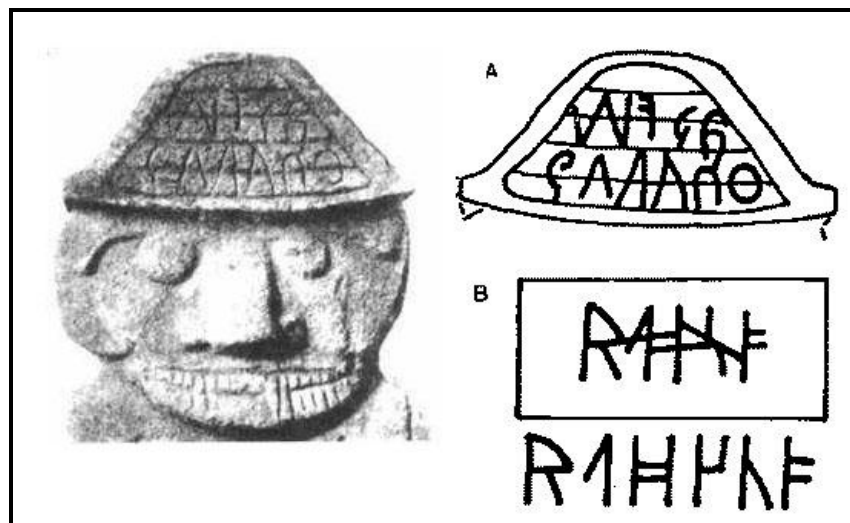
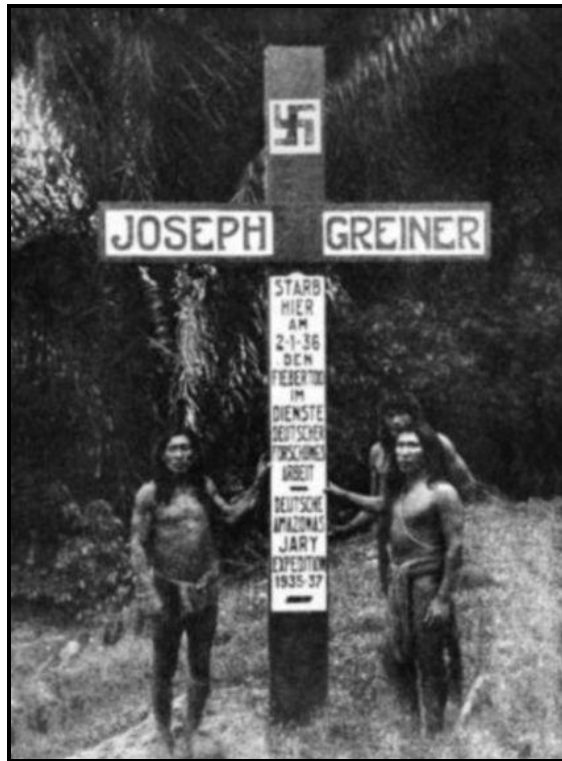
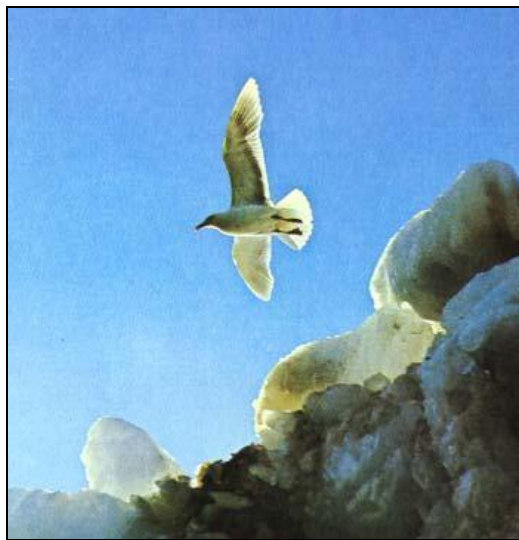
Para manter a pureza dos nórdicos brancos, os Imperadores se desposaram até mesmo com suas irmãs, segundo se diz. De Mahieu crê que esse é um termo que não se refere à consangüinidade, mas talvez sim, a uma Ordem iniciática dos Coya. O certo é que, de preferência, eles desposavam-se com as sacerdotisas sagradas, as "Virgens do Sol", as *Coya* (do norueguês *Gydhja*, de *Godhi* – sacerdote, e *Godho* que vêm

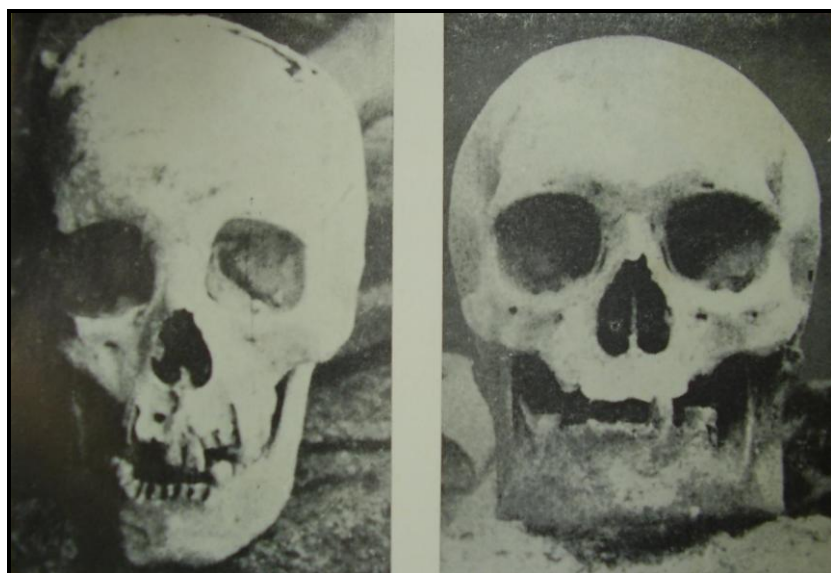
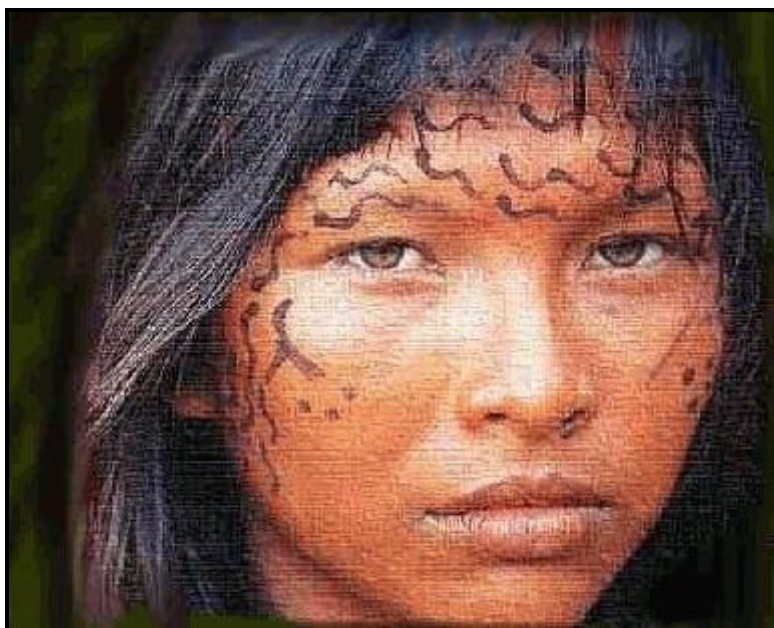
de *Goth*, Deus. Os Godos). Elas são da mais pura raça e beleza nórdico-polar, em suas mais antigas origens.

É assim que desde o Equador, até o mais distante sul (eu sustento que uma seção dos inkas chegou até mesmo à Patagônia, aonde se encontraria a “entrada” da “Cidade dos Césares”, dos *Ankahuinkas*, e onde eu tentei alcançar) se estendeu um enorme Império Racialista, governado por Imperadores brancos e loiros, de olhos azuis, “Filhos do Sol”, com generais e funcionários, com *curacas* também brancos, ou de pouca mestiçagem; homens de confiança, mas não de procedência divina, nem “Filhos do Sol”. E até que o Império pudesse se manter ferrenhamente governado pelo sangue puro (que, assim, é divino), brilhou “em forma”, como se fosse o mesmo Sol. Sua decadência vem conjuntamente com a impureza do sangue e a mestiçagem quase inevitável de uma minoria, que sobressai como uma pequena ilha em um crescente mar de cor.

E é então quando chega Colombo, o judeu, com suas “conspirações”, e com o sutil veneno de uma religião semítica, que é uma letal arma antipagã, pois predica a igualdade das raças e dos sangues, instigando os inferiores contra os superiores, como já o fizera em Roma, na Grécia e no resto da Europa. Com a decadência deste Novo-Velho mundo, estende-se a todos os cantos do planeta o drama e a catástrofe do fim de uma Grande Volta, de um Ciclo. É o Crepúsculo dos Deuses em toda a Terra.

Manuscrito de Oera-Linda

Onde um dia existiu o Império Inka

Capa de um dos livros de cunho mais político-social escrito por Mahieu, que, ao término de sua vida, declarou ter se arrependido em não ter descoberto antes o fascínio pelas civilizações antigas.

Registros vikings em Nazca, Peru, identificados por Mahieu.

Indígenas levantam cruz suástica em homenagem a Joseph Greiner, que acabou por falecer durante a Expedição Jary, entre 1937-1939, no Amapá, Brasil

A chamada “Gaivota hiperbórea”, do continente antártico

Típica múmia Inka encontrada no Peru. Note-se o crânio alongado e os cabelos ruivos

Dois antiqüíssimos crânios diferentes, encontrados em uma mesma região na Amazônia, Brasil

Indígena de olhos claros. Provável resquício de civilizações antigas

Nesta foto, o único branco indo-europeu ocupa o centro. Os demais são nativos da Ilha de Páscoa.

Monumento em homenagem a Bochica, divindade adorada pelos ameríndios colombianos

Múmia Inka encontrada no Peru

Escultura cerâmica pré-colombiana, cujos traços são notavelmente indo-europeus

A CONQUISTA ESPANHOLA

Nos galeões de "La Santa María", "La Pinta" e "La Niña", chegam os micróbios e os vírus da Europa cristianizada, a "igualdade", a "fraternidade", etc. O humanismo juntamente com a intolerância, o fanatismo, a Inquisição; todas, coisas desconhecidas e repugnantes ao mundo pagão. Os grandes paradoxos da divisão, da contradição, da dicotomia do "pecado", do "inferno" e a lepra da alma. Antecipações das atuais democracias, com sua tecnologia racionalista.

Foram equivocadas as "Visões de Papan" – irmã de Monctezuma, no México –, da Princesa Sacerdotisa do Sol, essa *Gydhja*, pensando que era Quetzalcoatl quem retornava, ao invés de Hernán Cortez? Talvez assim o acreditasse, pois existiu um "primeiro" e um "segundo" Quetzalcoatl: um sacerdote cristão no México, chamado de Itzamnaque, que não é Ullman, o Quetzalcoatl guerreiro, da mesma forma como ao *Império dos Atumarunas* chega *Pay Sumé* – ou, o padre *Gnupa* –, que não é Viracocha, o "Filho do Sol", cujo "retorno" também foi confundido com a chegada de Francisco Pizarro.

Desde a antiguidade existia conhecimento no Império dos *Atumarunas* e no dos Inkas, dos fatídicos sucessos do século XIII na Europa, através de alguns barcos normandos e pelas recordações que os Inkas tinham do Antigo Império e de suas relações com os templários que já haviam sido igualmente destruídos. É por isso que o Inka Huyana Cápac, em seu leito de morte, dirige-se a seus filhos, a seus familiares, a seus *curacas* e capitães e lhes adverte: "Faz muitos anos que, por revelação de nosso Pai, o Sol, cremos que passados doze inkas de seus filhos, virá gente nova e não conhecida nestas terras, que ganhará e sujeitará a seu poder nosso Império e a muitos outros governos. Suspeito que serão os mesmos que andaram pela costa de nosso mar. (Era Vasco Nuñes de Balboa, que navegara frente às costas do Equador). Poucos anos depois de que eu me tenha ido, virão essas pessoas e submeterão nossos territórios. Não podereis com eles,

porque suas armas serão mais poderosas que as nossas. Eu vos mando que lhes obedeçam e que não combatam com eles...”

Essas palavras já foram reproduzidas por mim em “El Ultimo Avatara”, e também se encontram em Mahieu, e creio que em Pedro Sarmiento de Gamboa, em sua obra “Historia de los Incas”. Foram assim ditas essas palavras por esse sábio e profético inka a seus *curacas*, a seus suyri (de *sir* inglês, do *sri* sânscrito-hindu, de *syna* do norueguês – valente –, de onde deriva também *sinchi*, “chefe”, em norueguês, dando origem ao *cínche* araucano e ao princípio do *Cinche o Cinchecona*, tão igual ao Führer Príncipe). O inka havia sido informado pelos sacerdotes *amautas*, do incanato – sábios que conheciam o futuro pelo Eterno Retorno, interpretando as estrelas.

Por tudo isso, o conquistador Francisco Pizarro não será combatido. E são palavras que “as pessoas, ou povos deste reino do Peru eram de cor de uma tonalidade acobreada, e seus senhores e governantes, homens e mulheres, mais brancos que os espanhóis”.

Os inkas sabiam de forma adiantada do futuro da conquista espanhola e, desejando também perder (perder agora para ganhar depois), tomaram as medidas para fazer desaparecer a tempo suas elites raciais; não na cidade dos cumes andinos de Machu Pichu, mas nos mais secretos refúgios de seus remotos antepassados, os hiperbóreos, os frísios, os vikings *amutarunas*, e os heróis gigantes – guardadores do Gral, essa Energia Solar. O verdadeiro “Tesouro dos Inkas”, que se preserva inviolado, unicamente em “sincronismo” com a divindade do sangue mais puro.

Sem dúvida, com os conquistadores espanhóis também chegaram os restantes dos guerreiros visigodos da Espanha hiperbórica, a do Cid. Isto é, germanos parentes diretos dos vikings, dos *amutarunas* e dos Inkas. Mas são já a minoria, e dirigem-se quase todos ao lugar mais difícil da Conquista, à região do Chile, ou *Chilli*, onde um povo de guerreiros, os Mapuches – “Homens da Terra”, que amam sua terra – opõem –lhes uma tremenda resistência. Por isso, a conquista de seu

território chegará a custar à Espanha mais do dobro em perdas de homens que em todo o resto das Américas. E em quatrocentos anos de combates contínuos, ainda não se consegue terminar com a pacificação de Arauco. Porque aqui também rege o "Principio do Chefe", dos antigos germanos, não havendo existido nenhum inka que pedisse para não combater ao invasor, ou, se houve, não foi escutado. É o sangue frísio dos araucanos que leva a essa epopéia guerreira, o que impulsiona a um visigodo espanhol a escrever o primeiro poema de gesta de todas as conquistas dos visigodos na Espanha. O poeta-guerreiro, Dom Alonso de Ercilla, seduzido pela coragem dessa gente estranha, que mais parece bem germana de Tëutoburger wald, ou com os gregos de Esparta. Assim escreve "La Araucana". *Atuca* quer dizer guerreiro, precisamente. E *aucapacha*, "Tempo de Guerra". Muito dura "esse tempo", e aqui vem os guerreiros visigodos a combater, em uma terra que não lhes oferece maiores riquezas, fora aquela do combate pela própria honra. E a guerra pela guerra, tão amada dos godos. É desse modo como o Imperador Felipe II poderá afirmar que Chile, ou *Chilli*, "custou-lhe a flor e a nata de seus Guzmanes". Isto é, de seus "homens bons" – de seus Gut man, em alemão. Os visigodos.

Por desgraça, eles também já nem sequer sabem que são godos, e que devem preservar o seu sangue. Mesclam-se indiscriminadamente nessa nossa América, e também no Chile com os povos de cor, dando origem ao nosso mundo mestiço, com matizes melhores ou piores, segundo as regiões. Em meu país se origina uma mestiçagem parelha, de apenas dois componentes sexuais,b o visigodo e o araucano. E possuímos um extraordinário livro sobre o tema – "Raza Chilena", do doutor Nicolás Palacios –, cujas conclusões me serviram para escrever meu livro, "El Ciclo Racial Chileno".

A esta altura da nossa história, da involução americana, se nós quiséssemos aplicar alguma política para a "saúde dos povos americanos", ao meu parecer, a única possível seria tratar de remontar a entropia da mestiçagem, buscando a preservação dos melhores, para

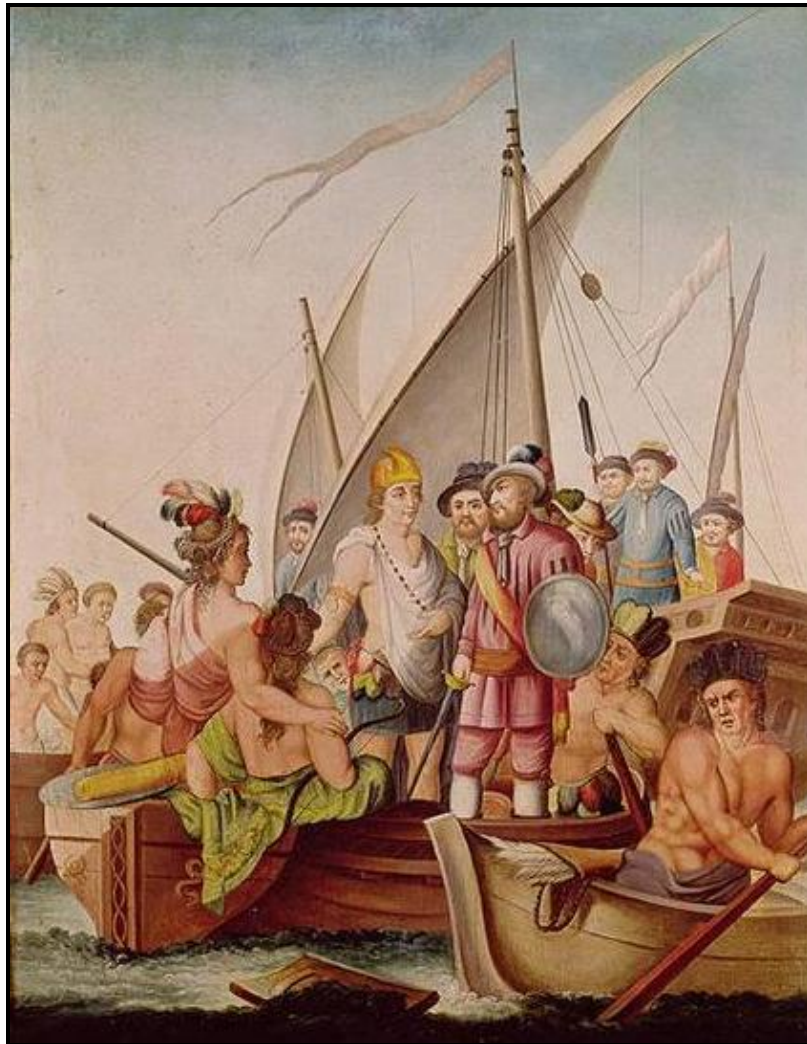
o que é imprescindível deixar de lado o mito cristão e maçônico da igualdade e da proteção dos deformes, dos deficientes e mongolóides, dando, ao contrário, a preferência aos mais aptos, aos menos mesclados, aos mais inteligentes, aos melhores dotados intelectual e fisicamente. Assim o propus no Chile desde sempre, onde hoje, por desgraça, a fertilidade do povo de cor e do *Iumpen*, mais a imigração indiscriminada de orientais e judeus de pronto nos vai transformando como ao resto de nossa América, em um mosaico de raças africanas e orientais, onde os arianos, o espanhol visigodo, o inka e o viking *atumaruna*, como também os germanos chegados entre as duas guerras mundiais, não serão mais do que uma pálida recordação de ontem, no centro de um *maelstrom* e de um naufrágio propiciados pela Grande Conspiração, destinados à destruição final deste planeta, para poder instaurar sobre suas ruínas o Império sinistro dos Sábios de Sião.

O que devemos comemorar, então, nos quinhentos anos do chamado "descobrimento" da América? Por acaso a chegada do judeu Colombo, que parte da Espanha justamente no mesmo dia em que "o último judeu não convertido era expulso", e que vinha com a missão de destruir o último refugio dos hiperbóreos, para apoderar-se com a sua "anti-raça" das "Cidades Secretas", inexpugnáveis, onde se ocultam os "Deuses Brancos"?

Nós não vamos celebrar.

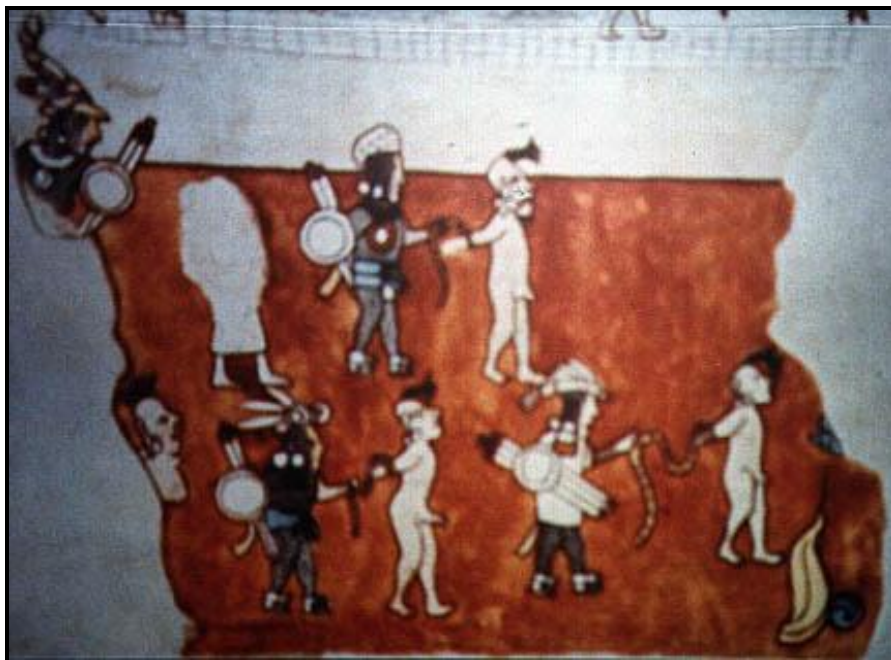
"Seus" jesuítas tentaram destruir – e o conseguiram – todos os sinais e documentos do mundo desaparecido que poderiam se opor à cosmovisão mutilada e tendenciosa. Contudo, embora o judeu e seus agentes busquem, ainda hoje, com desespero, as entradas ao mundo secreto, ao refúgio dos hiperbóreos, dos inkas, dos ancestrais dos inkas, dos *atumarunas*, dos templários e da elite SS de Hitler, e do próprio Hitler – que, por sua vez, desejou "perder para ganhar" – esse "Paraíso Terreno Inexpugnável", onde se encontra o Gral, ainda não o encontraram, e não o encontrarão jamais. Até que o grande momento da Ressurreição dos Deuses chegue, à beira da catástrofe final, quando

se crê que tudo já está perdido. E, assim, nossa América voltará a ser a *Huitramannaland* dos Vikings, a terra dos *Hatun*, dos gigantes retornados do antigo Sol, dos que se preservaram petrificados nos cumes e nas rochas andinas.

E esta Nossa Terra, será outra vez habitada por Deuses Brancos.

A chegada de Hernán Cortez no México. Sendo branco e barbado, fez-se passar por um novo Queztacoatl que um dia havia partido, prometendo que voltaria. Mera coincidência? Ou os espanhóis o fizeram propositadamente, para que isto facilitasse a conquista do México?

Miguel Serrano faria confirmar a tese de Mahieu: “Colombo chegou depois”.

Assim os nativos retratam a partida do deus branco Quetzacoatl

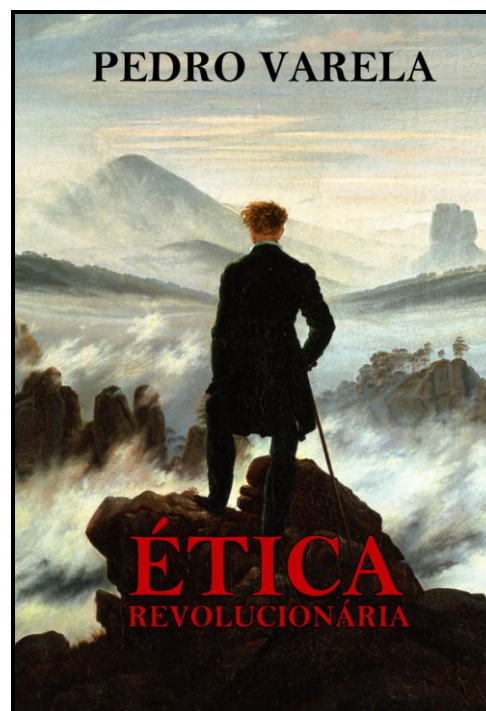
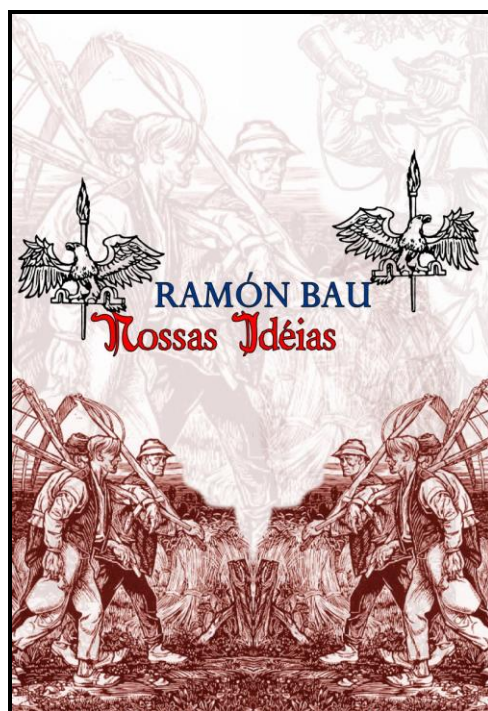
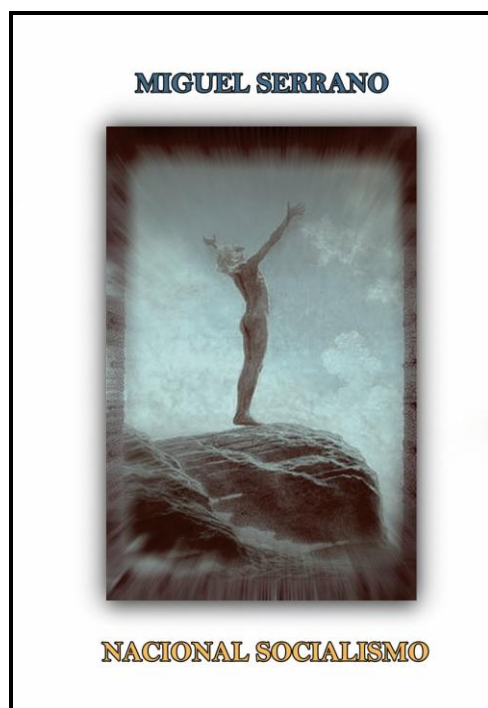
Diz-se que Quetzacoatl teria deixado o México quando não mais pôde impedir que os nativos dessem continuidade aos sacrifícios humanos, cujas vítimas escolhidas eram de cor clara

Os nativos conduzem suas vítimas brancas ao sacrifício

Esculturas dos chamados “Atlantes de Tula”, originados dos tempos toltecas

Indo-europeus entre os nativos do México, retratados antes da vinda de Cortéz

EDITORA THULE

E

REVISTA CULTURAL THOLF:

J. P. RUSHTON
RAÇA, EVOLUÇÃO
E
COMPORTAMENTO

THOLF

Revista Cultural
THOLF

Revista Cultural
THOLF